



Re-vista de Humanidades

Nº 1 | SETEMBRO 2021





Por uma Pedagogia Decolonial

Luiza Gravina

Introdução

A ideia de Colonialidade, introduzida por Aníbal Quijano no final dos anos de 1980 e início de 1990, busca, *a priori*, compreender as formas de colonização sofridas pelas sociedades do Novo Mundo, da África e da Ásia, bem como as reestruturações dessa lógica de dominação. É a partir desse pensamento que passamos a construir novas perspectivas sobre a modernidade fazendo surgir a relação dialética modernidade/colonialidade, também introduzida por Quijano.

Contemporaneamente, essa relação é vista como um passo para o entendimento do Giro Decolonial, da busca por uma reconstrução da história, dessa vez, contada sob a luz das experiências dos colonizados. É importante compreender que não se trata da negação das fontes de conhecimento oriundas da Europa, mas sim de sua superação. Trata-se da elaboração de um novo pensar dando voz aos conhecimentos criados a partir dos signos da colonização.

A criação de novos saberes e conhecimentos na relação ensino-aprendizagem impacta, diretamente, a formação de um novo corpo discente não reproduzidor de regimes de pensamento baseados na visão de mundo do colonizador. O presente texto busca explicitar a relação entre a corrente de pensamento decolonial e as formas do ser e saber em concordância com as formas e reestruturações das relações de dominação, especificamente na América Latina.

Referenciais teóricos

As primeiras ideias de Colonialidade, introduzidas nas décadas de 80 e 90 pelo sociólogo e pensador humanista Aníbal Quijano partem de uma diferenciação teórica entre os termos Colonialismo e Colonialidade. Colonialismo é oriundo de colonização: uma referência à tomada de territórios e à presença de uma potência em território estrangeiro. Teve origem no século XVI com o advento das grandes navegações, com a, chamada, descoberta do Novo Mundo e continuidade com a partilha da África e da Ásia. Colonialidade é um espécie de herança do colonialismo, trata-se da colonização do imaginário e do saber que não se desfaz com a independência ou descolonização como o colonialismo, mas dá continuidade às suas formas de dominação.

A conquista do Novo Mundo e a consequente imposição de valores culturais europeus nas sociedades colonizadas estabeleceu o conceito de Matriz Colonial do Poder (MCP) que é sustentada pelos fundamentos raciais e patriarcais operantes em diferentes nós históricos e administra as regras do jogo social. O foco, no presente texto, recai sobre os domínios do ser e do saber, constituintes da MCP. No campo do ser a colonialidade expressa-se como o impacto na visão de mundo dos povos colonizados, como herança das experiências da colonização. No campo do saber apresenta relação com as formas de reprodução de determinados pensamentos e regimes intelectuais dos colonizadores.

De acordo com Walter D. Mignolo (2017) a introdução do colonialismo no domínio do saber ocorreu no



ano de 1590 com o padre jesuíta José de Acosta em sua obra “Historia Natural y Moral de las Indias”. O texto religioso apresenta a natureza a partir da lógica cristã como exterior ao homem, contrária à cultura. Divergente, portanto, da lógica aimará e quíchua, que se harmoniza com a pachamama: uma forma de entender a relação humana com a natureza em que não há distinção entre natureza e cultura. “Assim o momento inicial da revolução colonial foi implantar o conceito ocidental de natureza e descartar o conceito aimará e quíchua de pachamama” (MIGNOLO, 2017, p.6-7).

De acordo com Mignolo, nos séculos XVI e XVII tem início a genealogia do pensamento decolonial com o pensamento indígena e afro-caribenho. Em seguida, nos séculos XVIII e XIX o pensamento decolonial ganha força na África e na Ásia e posteriormente surgem os movimentos de descolonização desses territórios. Após a Guerra Fria o pensamento decolonial passa a traçar sua própria genealogia e surgem as reflexões acerca do Giro Decolonial nos anos 90 do século XX, com foco nos territórios latino-americanos e inspiração na teologia e filosofia da libertação, na teoria da dependência e na teoria feminista chicana.

O primeiro momento para a construção do Giro Decolonial parte da geopolítica do conhecimento, segundo Mignolo, significa recontar a história sob as lentes dos colonizados, a partir da ferida colonial. A independência e formação dos estados nacionais latino-americanos reestruturaram a lógica de dominação do colonialismo. Com a herança colonial a dominação externa tornou-se interna a partir da repetição dos regimes de pensamento dos colonizadores. Dessa forma, o autor enfatiza, “a meta das opções decoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir que os futuros globais não poderão mais ser pensados como um futuro

global em que uma única opção é disponível”. (MIGNOLO, 2017, p. 14).

A superação do colonialismo e o Giro Decolonial buscam dar voz e criar conhecimentos a partir da visão de mundo do colonizado, emancipando-o da visão e da reprodução de padrões de conhecimento do colonizador. Trata-se de um diálogo com formas não ocidentais e não acadêmicas de conhecimento. Essa busca por autonomia dos povos colonizados pode ser compreendida como

“Um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetuadas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo nas regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação” (COLARES, 2015, p.49)

O Giro Decolonial pode ser analisado sob a ótica de Frantz Fanon, de acordo com o autor, o colonizado sofreu tamanha influência do colonialismo que passou a desejar o lugar do colonizador. Suas análises se harmonizam com a pedagogia de Paulo Freire, sendo possível estabelecer um diálogo entre seus estudos e as obras do educador brasileiro. De acordo com Fanon somente o desenvolvimento de um pensamento novo criará um novo homem, pois

“O colonizado é um perseguido que sonha permanentemente tornar-se um perseguidor [...] os colonizados, em sua imensa maioria, querem a fazenda do colono. Para eles, não se trata de entrar em competição com o colono. Eles querem o seu lugar” (FANON, apud COLARES, 2015, p. 54)

Em consonância com a análise de Fanon, que lança luz às relações de dominação e entre colonizadores e colonizados, o pensamento freiriano enfoca a relação assimétrica entre oprimidos e opressores e propõe para combatê-la a Educação Libertadora. Afirma o pensador: “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (FREIRE, 1968).



Conclusão

Busca-se, a partir do Giro Decolonial, contestar a lógica da colonização, descentralizando a geopolítica do conhecimento. Trata-se, portanto, de compreender o mundo através do espaço geográfico que se ocupa, recontando e reconstruindo a história a partir das vivências dos colonizados, valorizando os conhecimentos por eles produzidos. A lógica de dominação da Matriz Colonial de Poder nos âmbitos do ser e do saber atua diretamente na valorização de produções e conhecimentos de potências colonizadoras e, consequentemente, na desvalorização de saberes latinos-americanos. Trazer à luz saberes populares, ancestrais e não acadêmicos, produzidos através das vivências, heranças e traçados interrompidos na colonização pode e deve ser caminho na produção de conhecimento baseada em preceitos decoloniais.

Pensando nos horizontes da escolarização formal, uma Pedagogia Decolonial deve ser capaz de introduzir elementos que superem a MCP e possibilitem aos discentes e docentes, partindo de reflexões de suas vivências individuais e coletivas, a ultrapassarem a colonialidade. Na palavras de Fanon: “pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo.” (FANON, 1968, p. 275).

Luiza Gravina

Estudante de Pedagogia - UFF



Referências

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Jul.2021.

MACHADO, João. *Para (re) pensar a América Latina: a vertente descolonial de Walter D. Mignolo*. **Espaço e Economia** [Online], v. 5, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/899>. Acesso em: 04Jul.2021.

ASSIS, Wendell. *Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo*. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p.613-627, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10Jul.2021.

MOTA NETO, João. *Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. 2015. 368 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.a, 1968.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.